

# TROPICÁLIA

(final)

Cadê os sábios do meu país estranho,  
cadê os sábios que não vêm sabiar?

Como e por que, neste onde e quando,  
isto Homem sobrevivido há milênios  
na pedra lascada ou centenas  
de escravitanos,  
luxúrias e delírios corporais  
e ais de chicotes  
e deformações de troncos  
e correntes e gargantilhas  
de ferro e estuporações  
de pavores e de ventres impúberes  
e sangue pingando ouro  
e safras de libras esterlinas londrinas  
e leilões de gente-gado  
e trucidações de indígenas  
e maus-olhados, despachos,  
amuletos, pragas, ódios  
avermelhando olhos e explodindo  
corações; e tramas e vinganças  
de balaios;  
bequimões e silvérios;  
como e por que neste onde e quando  
isto Homem, esta mulatidão  
descarada ou disfarçada  
em santos, mártires, poetas,  
profetas, apesar das cabeças,

troncos, membros,  
mal conformados de herança;  
isto Gentel,  
mistura de lâmina e veludo,  
macia e cortante,  
cantante e muda,  
doce e astuta,  
egoista e despreendida,  
mostrada e escondida,  
solar e lunar,  
lagoa e mar,  
florestal e areal,  
vizinha e sozinha,  
gentinha rainha,  
desleixosa - assombrosa!  
Isto Gentel,  
morrendo vida,  
vivendo a espera  
descumprida  
mas teimando em florir  
cada amanhã  
outra espera de vida!

Cadê os profetas do meu país estranho,  
cadê, por que não vêm profetizar?

O amanhã de verdes  
esperanças nas palmas  
e azuis  
nos olhos das lagoas  
e brancas  
nas dunas e espumas  
e vermelharelas  
no chão grávido das safras,  
e cantantes nas águas e sorrisos  
dos rios e dos rostos,  
da indústria próspera  
das coisas:  
milagre da multiplicação  
de pães e peixes  
para todas as fomes;  
na morte só colhida  
quando fruta madura  
bem nutrida  
na carne amada  
sem avareza,  
na colheita da beleza  
de faunas e de floras,  
quando a vida  
é mão colhendo abricós e sabiás,  
sábia no jeito de outras mãos  
e o amor o único despacho  
de todas as Igrejas sem igreja.

Assim seja!

## Bandeira TRIBUZI

O MORTO  
E A ROSA

A morte vai tranqüila em muitos rostos  
O morto vai tranqüilo e entre rosas  
No céu a ave qualquer traçou o adeus  
Do chão sobe a canção que embala a angústia

E o morto vai secreto entre o silêncio  
Seu corpo desce enfim à terra fértil  
-pasto de vermes-desconhece a dúvida  
Vai com ele a saudade feita rosas

que o embalam e fecham de silêncio  
Uma rosa porém sub-reptícia  
tombou: fugindo a ser socorro aos bichos

Uma rosa escapou aos pés monótonos  
Uma rosa escapou aos dedos úmidos e  
guarda em perfume o espírito do morto.